

ESCREVENDO A HISTÓRIA DO CANCRO

DA SITUAÇÃO HISTORIOGRÁFICA INTERNACIONAL AO CAMINHO POR TRILHAR EM PORTUGAL*

RUI MANUEL PINTO COSTA**

Resumo: *Privilegiando-se as abordagens de natureza historiográfica, este artigo pretende apresentar uma síntese dos mais relevantes autores e respectivos estudos sobre a temática da história do cancro, assunto que se encontra enquadrado no mundo mais lato da história da saúde e das ciências biomédicas.*

Palavras-chave: *Cancro; oncologia; história; historiografia.*

Abstract: *Privileging particularly historiographic approaches, this paper aims to present a bibliographical survey and an overview of the most representative works published in the area of the history of cancer, a subject that is integrated in the wider sphere of the history of health and biomedical sciences.*

Keywords: *Cancer; oncology; history; historiography.*

1. ESCREVER A HISTÓRIA DE UMA DOENÇA SIMBÓLICA COM MÚLTIPLAS DIMENSÕES

A escrita do cancro, aqui entendida como a produção de discursos historiográficos sobre a doença oncológica, é um caminho relativamente recente que tem sido trilhado em regime de parceria entre os cultores da tradicional história da medicina e os que se dedicam a uma história assente no construtivismo fenomenológico, abrindo caminho a visões menos iatrogénicas dos fenómenos que rodeiam o campo da saúde e da doença.

A complexidade do cancro na integralidade das suas diversas dimensões: biológica, humana e social, tem reforçado a necessidade de articular as ciências da vida com as ciências sociais e humanas, implicando a abordagem da projecção histórica de uma doença que assume foros intemporais de fatalidade sócio-sanitária e que no tempo presente constitui um assunto transversal e incontornável, tanto mais que toca com muita frequência a nossa vivência humana.

Contudo, ao contrário da abordagem de outras doenças com grandes efeitos na mortalidade e/ou de cariz epidémico, escrever a história do cancro tem sido um exercício que resulta de um interesse tardio, um pouco na razão directa do incremento da frequência, impacto e visibilidade enquanto problema de saúde pública ao longo do século XX, bem como das maiores perspectivas de profilaxia, curabilidade e/ou cronicidade que tem adquirido. Se a existência de factores como o aumento da esperança de vida da população ou a exposição a agentes cancerígenos pode justificar em certa medida o incremento de casos a que se assistiu ao longo de todo o século XX, o facto é

* Este artigo é parcialmente baseado num segmento narrativo do projecto de doutoramento do autor, dedicado à temática da doença oncológica em Portugal.

** Investigador do CITCEM (grupo Memória, Património e Construção de Identidades).

que durante milhares de anos o ser humano constatou a sua incapacidade perante uma enfermidade tão esquivada, intratável e angustiante como tantas outras, ao ponto de se constituir actualmente como o arquétipo da nossa impotência relativa no que toca ao controle da doença e da morte, materializada em recontros belicosos que se desenrolam nos campos de batalha hospitalares.

Vista sob o prisma da análise histórica, cada época tem a sua doença simbólica; se no fim do século XIX esse lugar cabia à tuberculose, a então denominada *peste branca* acabou por dar lugar quase em simultâneo ao problema crescente do cancro, sobretudo quando a tecnologia médica foi capaz de começar a reduzir drasticamente a mortalidade por tuberculose pulmonar desde os meados do século XX.

Com o afastamento do espectro mortal da tuberculose, foi no decurso do século XX que o cancro assumiu o estatuto de doença maldita, estigmatizante, discriminatória e desmoralizadora, como referiu Susan Sontag na sua influente e ainda referencial obra *Illness as Metaphor*. Vista como patologia «incurável», «degenerativa», «devastadora», «invasiva» e «corrosiva», os tratamentos curativos que lhe estão associados também enfermam da mesma carga metafórica, sendo apodados de «mutilantes», «venenosos» e «agressivos»¹. Tornou-se no que o historiador David Cantor acertadamente designou como «a metáfora da doença dominante»² do nosso tempo, termo a que não é alheia a descrição que Sontag fez dos tabus que envolvem o cancro. Este sentido é melhor compreendido quando verificamos a existência de períodos históricos aos quais correspondem doenças dominantes, sejam elas de natureza epidémica ou não. Pelo seu estatuto simbólico, é sintomática das nossas esperanças e medos face às reais possibilidades dos progressos científicos.

Conhecida e estudada como entidade própria pelo menos desde a antiguidade, a história do cancro caminha em paralelo com a longa evolução do conhecimento humano, reflectindo fielmente os conceitos científicos que lhe estiveram desde sempre associados, os saberes médicos e as mentalidades prevalecentes sobre a saúde e a doença. Em certa medida, a história desta patologia permite-nos compreender a génese do «medo do cancro», e ainda o significado profundo dos esforços talhados no campo científico para a debelar.

Pelo seu significado patológico mas também emblemático, representa muito mais do que a colocação em causa da vida de um indivíduo; transcende-a, é um elemento de desestabilização familiar e social com repercussões directas no devir histórico. Enquanto doença, podemos aproximá-la daquilo que Jacques Le Goff apelida de «uma ideia», e do que Mirko Grmek apodou de «complexa realidade empírica»³. Este último, em particular, apontou abertamente que a doença, fosse ela qual fosse, era acima de tudo um conceito, uma construção teórica que reflectia as ideias mas também a realidade patológica de um determinado período histórico.

¹ SONTAG, 1978.

² CANTOR, 1993: 537-561.

³ Le GOFF, 1985: 7-8.

Faz igualmente parte do enredo de um jogo científico, médico e social que coloca em causa a nossa capacidade de lidar com a adversidade, em cada lugar e em cada tempo histórico, sobretudo pelo facto da sua trajectória ser acompanhada muito de perto por um profundo sentido de sofrimento e de drama, que sendo de natureza individual também é, e sempre será, de natureza colectiva.

Partilhamos o pensamento de Le Goff quando refere que «A doença pertence não só à História superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à História profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às representações, às mentalidades»⁴. Mais ainda, diríamos que também pertence ao domínio da economia, das políticas de saúde, dos poderes públicos e privados, e ainda dos complexos mecanismos psicológicos que nos mobilizam perante o risco transversal que qualquer doença representa.

Enquanto flagelo social emergente, o investimento na luta contra o cancro justificou uma mobilização pública que começou nos alvares do século XX, tornando-se mesmo num objectivo de cariz biopolítico assumido por alguns Estados. E se no início dos anos 70 se conhecia bem pouco sobre a doença, a actual compreensão sobre os mecanismos biológicos que a regem abriram caminho a tratamentos mais dirigidos e menos agressivos para os tecidos normais, o que reduz os efeitos secundários característicos dos tratamentos ditos tradicionais. Ainda assim, a cura genérica e global, na senda do imaginário associado à «droga milagrosa» ou à «bala mágica» como foram os antibióticos, essa ainda não existe, e é bem provável que não veja tão cedo a luz do dia. De momento, parece que não restam dúvidas: o cancro veio para ficar e para continuar a marcar esta civilização.

É, pois, um universo imenso e multifacetado que aqui emerge e nos interpela. Importa, pois, expor e passar em revista as principais abordagens que o discurso historiográfico foi produzindo ao longo dos últimos 40 anos, de molde a que o investigador que deseje lançar-se neste *mare magnum* de informação bibliográfico o possa fazer com alguns pontos norteadores.

2. A HISTORIOGRAFIA DO CANCRO NO CONTEXTO INTERNACIONAL

Os historiadores tendem a estudar a história de uma doença, não porque essa investigação possa orientar uma política de saúde, mas porque esse estudo nos revela a dinâmica social que lhe está inerente. No entanto, o que se tornou claro com o caso do cancro, é que a compreensão sofisticada sobre os significados da doença tem implicações importantes na política de saúde delineada para gerir a própria doença.

Desde os finais dos anos 70 do século passado que a temática do cancro tem vindo a suscitar um interesse progressivamente maior, sobretudo na esfera da investigação histórica internacional. Desde então que a bibliografia sobre a história da pesquisa oncológica se tem tornado mais vasta, reflectindo tanto a prevalência da doença como os vastos recursos financeiros entretanto investidos nesse domínio. Um bom exemplo desta

⁴ Le GOFF, 1985: 7-8.

tendência que se começou a esboçar a partir do pós-guerra, é a multiplicidade de artigos historiográficos dedicados exclusivamente ao cancro, e que permitiram ao historiador norte-americano James Stuart Olson a reunião de uma extensa e detalhada bibliografia anotada sobre o tema⁵. Em mais de 400 páginas, enumerou cerca de 3000 artigos escritos entre 1945 e 1988, que incluem não só os muitos trabalhos lavrados em língua inglesa, mas também francesa, italiana, russa, alemã, polaca, holandesa, portuguesa e castelhana.

Os principais investigadores que se têm vindo a dedicar com maior interesse sobre este tema, provêm do mundo anglo-saxónico e francófono, versando, naturalmente, a evolução da luta contra o cancro nos respectivos países de origem. Vários deles saíram da pena de médicos ou investigadores ligados à pesquisa oncológica, ao passo que outros se devem aos cultores das ciências sociais e humanas. Desde o último quartel do século XX, altura em que o assunto passou a dominar as preocupações sanitárias das sociedades ocidentais, têm vindo a lume alguns trabalhos de amplo fôlego, não apenas na vertente de luta sanitária institucional e política, mas também no campo da promoção de alterações científicas e tecnológicas no universo médico. Se os primeiros trabalhos começaram a partir da segunda metade dos anos 70 pela mão de Lester Breslow, Richard Rettig, Samuel Epstein e Peller Sigismund⁶, o principal impulso dado à historiografia do cancro fez-se sobretudo na década de 90, assistindo-se igualmente a um interesse renovado nos primeiros anos do novo século, pontuados por figuras como David Cantor e James Olson, entre outros⁷.

Alguns grupos norte-americanos e britânicos dedicados à história da medicina e da saúde, como é o caso do Centre for the History of Science, Technology & Medicine da Universidade de Manchester e da Society for the Social History of Medicine, começaram desde meados da primeira década do século XXI a abordar de forma mais consistente e multidisciplinar a história do cancro em workshops, encarado não só como agente central na modelação da medicina moderna ao longo de todo o século XX, mas também como patologia geradora de transformações significativas nas vivências dos doentes, na prevenção e educação para a saúde, nas mentalidades e ainda no tecido social, político, industrial e económico das sociedades ocidentais⁸. A selecção de alguns dos trabalhos apresentados nestas reuniões, permitiram a publicação de um número especial exclusivamente dedicado ao cancro no século XX, (o primeiro e único até à data) do conceituado *The Bulletin of the History of Medicine*⁹, organizado por David Cantor.

Algo surpreendentemente, a atenção dos historiadores fora do contexto norte-americano e europeu tem sido muito reduzida, e podemos apenas presumir que esta realidade se altere no futuro, quando a centralidade dos estudos históricos na área da

⁵ Cf. OLSON, 1989.

⁶ Cf. BRESLOW, 1977; RETTIG, 1977; EPSTEIN, 1979; SIGISMUD, 1979.

⁷ Cf. CANTOR, 2008; CANTOR, 1993: 537-561; CANTOR, 1989; CLOW, 2001; PROCTOR, 1995; WALDHOLZ, 1997; WEINBERG, 1996; GREAVES, 2000; ECKHART, 2000; KREMENTSOV, 2002; OLSON, 2009; WAILOO, 2011.

⁸ Cf. os workshops *Cancer in the Twentieth Century*. Bethesda, 15-17 November 2004; *Patients & Pathways: Cancer Therapies in Historical and Sociological Perspective*. Manchester, 6-8 October 2005; *Sites & Styles: Exploring the Comparative History of Cancer*. Manchester, 22-24 March 2007.

⁹ Cf. CANTOR, 2007.

saúde e das biotecnologias seja submetida a um redireccionamento no sentido do epifenómeno sanitário. Ou seja, quando as análises de maior amplitude sobre a saúde e a doença começarem a reclamar estudos de síntese sobre fenómenos patológicos cujas manifestações sociais e culturais sejam distintas das identificadas até hoje.

No mundo da historiografia francófona destaca-se de imediato o nome referencial e incontornável de Patrice Pinell¹⁰. Fazendo uma leitura sociológica muito abrangente e historicamente detalhada sobre a luta contra o cancro em França, Pinell fez uso de uma abordagem político-institucional para um período muito específico, se bem que fundamental, que vai dos finais do século XIX até aos anos 40 do século XX. Abordou sobretudo o processo de evolução no qual se inscreveram as transformações que promoveram o nascimento da medicina contemporânea, colocando igualmente em destaque os anos de transição entre as duas guerras na história do campo médico. Mostrou igualmente que a dinâmica social gerada em redor das políticas anticancerosas teve um papel precursor na evolução do processo civilizacional, não apenas em França, mas a nível internacional. Por seu turno, Pierre Darmon¹¹ fez uma leitura histórica bastante alargada no tempo para mostrar o percurso das doutrinas, terapêuticas e concepções sociais sobre a doença. Dissecando a relação entre o laboratório e a prática clínica, Ilana Löwy¹² debruçou-se sobre a cultura da experimentação clínica em oncologia, através da descrição da transferência das inovações laboratoriais.

Ainda no campo institucional, Joan Austoker abordou a história do *Imperial Cancer Research Fund* (ICRF), ressaltando sobretudo o modo como a mais eminente instituição caritativa britânica se organizou para combater a doença. A ênfase foi colocada na mudança de objectivos da instituição, bem como no crescimento da investigação experimental sobre a oncologia. Não deixou ainda de dar atenção aos debates de princípios do século XX sobre a influência dos agentes virais no cancro e o impacto da Grande Guerra no *Imperial Cancer Research Fund*. Esta análise historiográfica parece-nos mais abrangente e apurada face à de Walter Ross, que versando uma temática semelhante para os EUA, nos dá uma versão semelhante mas algo palaciana do percurso da American Cancer Society¹³. Linha semelhante seguiu Ernest McCulloch¹⁴ para o relato do sucedido com o *Ontario Cancer Institute* no Canadá, enquanto no tocante aos programas anticancerosos desse país, Charles Hayter mostrou as influências organizacionais e científicas bebidas tanto nos EUA como em França, e que permitiram a eclosão de uma heterogeneidade de respostas médico-sociais canadianas entre 1900 e 1940¹⁵.

Se bem que o percurso institucional seguido em Itália fosse o mote para os trabalhos de Patrizia Placucci¹⁶ e Giorgio Cosmacini¹⁷, a primeira mostrou-se mais atenta às

¹⁰ Cf. PINELL, 1992; PINELL, 2002; PINELL, 2000: 671-686.

¹¹ Cf. DARMON, 1993.

¹² Cf. LÖWY, 1996.

¹³ Cf. AUSTOKER, 1988 e ROSS, 1987.

¹⁴ Cf. McCULLOCH, 2003.

¹⁵ Cf. HAYTER, 2005.

¹⁶ Cf. PLACUCCI, 1992.

¹⁷ Cf. COSMACINI, 2002.

particularidades italianas na institucionalização da luta contra a doença. Por seu turno, Cosmacini enfatizou o desenvolvimento da oncologia enquanto disciplina médica em busca de uma identidade disciplinar e a evolução das ideias que enformaram as políticas antitumorais.

Sem fugir do contexto dos estabelecimentos ligados ao tratamento e investigação, mas mais voltado para a vertente dos trabalhos científicos e dos programas governamentais, a recente abordagem «mercantilista» de Theodore Malinin também não deixa de colocar a sua ênfase nos desenvolvimentos científicos norte-americanos obtidos em redor da doença¹⁸. Num registo paralelo, feito em redor do urânio como material de base à terapêutica anticancerosa, Howard Ball destacou os problemas associados à saúde ocupacional e poluentes radioactivos resultantes da necessidade de dotar os centros anticancerosos deste elemento¹⁹.

Ainda no registo das instituições anticancerosas de matriz nacional, veja-se a particularidade do caso holandês, devidamente explanado por Johannes van Dongen, e ainda por Joost Lesterhuis e Eddy S. Houwaart, estes últimos com uma análise no registo da oncologia experimental holandesa²⁰.

Por seu turno, o percurso dos centros anticancerosos alemães foi abordado por Gustav Wagner e Andrea Mauerberg²¹, ao passo que Wolfgang Hien soube trazer a metodologia sociológica para se focar na questão dos cancro provocados pela indústria química²². Hien abordou a ideologia e a prática da medicina ocupacional na Alemanha do século XX, em especial os cancro provocados pela anilina nos operários tintureiros, e pelo arsénico nos comerciantes de vinho. Explora ainda o modo como os empregadores usaram os conceitos de predisposição genética e susceptibilidade, para poderem rejeitar trabalhadores eventualmente mais vulneráveis a tarefas potencialmente perigosas, e ainda como as tradições de pesquisa do período nazi persistiram até aos tempos mais recentes.

Este último período foi igualmente abordado por Robert Proctor, num estudo pioneiro e algo controverso sobre o pensamento e atitudes político-sanitárias do regime nacional-socialista face à doença oncológica, mas também sobre as premissas científicas da época, muitas delas desenvolvidas e defendidas por cientistas alemães²³.

Num estudo de Marie-José Imbault-Huart, a autora afirma mesmo não haver uma história do cancro do ponto de vista social, mas sim científica. A partir daí, e recorrendo a casos remotos como o cancro da mama da rainha Ana de Áustria, a autora propõe uma reflexão sobre o estatuto maldito que o cancro impõe não só aos afectados, mas também aos médicos, fazendo-nos ainda pensar sobre o recurso ao curandeirismo, feito por todos os estratos sociais²⁴.

¹⁸ Cf. MALININ, 2008.

¹⁹ Cf. BALL, 1993.

²⁰ Cf. DONGEN, 1979 e LESTERHUIS & HOUWAART, 2000: 89-94.

²¹ Cf. WAGNER & MAUERBERG, 1989.

²² Cf. HIEN, 1994.

²³ Cf. PROCTOR, 1999.

²⁴ Cf. IMBAULT-HUART, 1985: 165-176.

Numa abordagem mais voltada para os caminhos da história cultural, James Patterson²⁵ verteu a sua atenção para as mudanças do conhecimento popular sobre o cancro, e o modo como os agentes políticos responderam aos receios da população face à doença. Analisou os conflitos que levaram ao estabelecimento da American Society for the Control of Cancer em 1913 e do National Cancer Institute em 1937, explorando ainda as razões pelas quais os médicos norte-americanos foram tão lentos a admitir o tabaco enquanto agente causal, e o modo como o optimismo tecnocrático americano levou Richard Nixon a declarar a «guerra ao cancro» em 1971. Note-se que este último assunto, sobretudo o *National Cancer Act* foi igualmente examinado em profundidade por Richard Rettig²⁶.

Estas abordagens históricas, têm sido complementadas por um conjunto cada vez maior de estudos altamente focalizados no combate a um ou outro tipo particular de cancro, seja da mama, do ovário, do útero, do pulmão, leucemia, linfoma, ou outros, o que se compreende facilmente se reconhecermos que as causas materiais e enredos sociais que lhes estão subjacentes podem ser profundamente diferentes. Se bem que estes estudos sejam difíceis de contabilizar, muito provavelmente o cancro da mama tem sido o mais abordado de todos, tanto mais que durante milénios esta foi a manifestação mais explícita e frequente da doença, confundindo-se habitualmente com ela própria: o cancro da mama era, em si mesmo, o cancro²⁷. Não surpreende, pois, que o particular impacto do cancro da mama desse dar azo a trabalhos especialmente imbuídos das premissas da história do género, como os de Kirsten Gardner, Mary De Shazer, Tammy Comeau ou Maren Klawiter²⁸.

E a pulverização de olhares tende a aumentar. Ainda em cruzamento com uma leitura historiográfica, têm surgido outros trabalhos, sejam eles de cariz marcadamente mais sócio-histórico²⁹, antropológico, interdisciplinar³⁰, na incontornável vertente da história das ideias³¹, ou ainda na área da paleo-oncologia³². Outro segmento ligado à história das profissões de saúde paramédicas começou também a despontar, como é o caso da enfermagem oncológica, que teve no trabalho de Judith Johnson *et al.*³³ uma interessante e inovadora abordagem ao entrecruzar discursos da memória oral com os registos da memória escrita.

Se bem que os estudos de fundo sobre a história da terapêutica anticancerosa começam agora a surgir³⁴, são ainda escassos, assim como os trabalhos histórico-

25 Cf. PATTERSON, 1987.

26 Cf. RETTIG, 1977.

27 Cf. KLAWITER, 2008; OLSON, 2002; ARONOWITZ, 2001: 355-386; LERNER, 2001; JASEN, 2002: 17-43, TAYLOR, 1989: 381-402, e MOULIN, 1983. Outros exemplos de estudos ultra-focalizados podem ser encontrados em JASEN, 2009: 489-512 e KEATING & CAMBROSIO, 2003: 291-313.

28 Cf. GARDNER, 2006; De SHAZER, 2005; COMEAU, 2004; KLAWITER, 2008.

29 Cf. FUJIMURA, 1996 e MEDINA DOMÉNECH, 1996.

30 Cf. STACEY, 1997. A autora não só conta a sua própria história pessoal, como envolve a sociologia, a biologia, o cinema, a história, etc.

31 Cf. RATHER, 1978 e FITZGERALD, 2000.

32 Cf. SPYROS, 1986.

33 Cf. JOHNSON, *et al.* 2001.

34 Cf. o dossier temático: ROQUÉ & HERRAN, 2009: 123-364.

estatísticos, apesar de Johannes Clemmesen³⁵ nos ter legado um notável trabalho de investigação nesta matéria.

3. HISTÓRIA DO CANCRO EM PORTUGUÊS

Quando nos voltamos para o caso português, não é difícil verificar a existência de um vazio quase completo sobre a doença oncológica ou da luta contra o cancro. Se bem que o estudo de algumas patologias tenha sido alvo de estudos historiográficos com alguma profundidade, são sobretudo as doenças epidémicas que têm vindo a recolher o interesse e a ser alvo de análise, caso da denominada gripe espanhola ou ainda das diferentes pestes, fenómenos que desde a Idade Média e até finais do século XIX fizeram a sua aparição em intervalos irregulares.

A tradição historiográfica nacional sobre a saúde e a medicina³⁶, não faz senão referências meramente pontuais e pouco desenvolvidas no tocante à oncologia e à luta contra o cancro. Referimo-nos aos provecos trabalhos de Ferreira de Mira, Luís de Pina e Maximiano Lemos, cuja concepção encontra as suas raízes no positivismo histórico do século XIX, revelando uma abordagem nitidamente iatrocêntrica, ainda muito voltada para a figura do médico/medicina, e menos para a *saúde* enquanto área de actuação médica. Em abono da verdade, diga-se que tais obras datam na sua maior parte da primeira metade do século XX ou fins do século XIX, quando a luta contra o cancro em Portugal, tal como a conhecemos hoje, ainda não contaria senão com poucos anos de existência.

Num registo mais recente, o autor da *História da Medicina Portuguesa no Século XX*³⁷ faz apenas uma breve referência linear ao Instituto Português de Oncologia (IPO) e à pessoa de Francisco Gentil, certamente condicionado pelo carácter sintético que conferiu à sua obra, o que não lhe permitiu dispor de grande margem de manobra para se dedicar à oncologia em particular.

Seja por mero desinteresse, seja pela aparente escassez de historiadores portugueses dedicados à saúde enquanto espaço social que ultrapassa o campo estrito da doença e da medicina, os estudos sistemáticos de natureza historiográfica sobre o cancro são ainda muito escassos entre nós. Quanto aos que existem, tratam-se sobretudo de abordagens de cariz eminentemente institucional e biográfico, redigidos quase exclusivamente por médicos, versando a atenção da sua investigação para os traços mais salientes de um universo devedor da figura tutelar do médico Francisco Gentil³⁸ e da instituição que hoje porta o seu nome: o Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil (IPOFG). Pela sua natureza generalista, mas sobretudo factual e cronológica, destaca-se claramente a incontornável obra coordenada pelo endocrinologista Luís da Silveira Botelho³⁹, havendo ainda outras que se dedicaram ao caminho mais recentemente trilhado pelos centros

³⁵ Cf. CLEMMSEN, 1965.

³⁶ Cf. PINA, 1954; MIRA, 1947; LEMOS, 1991.

³⁷ Cf. MACEDO, 2000: 47-48.

³⁸ Cf. BOTELHO, 1978.

³⁹ Cf. BOTELHO, 2000.

regionais do Porto e Coimbra no tratamento da doença⁴⁰. O resgate dos factos, personagens e instituições, repousa geralmente numa narrativa de carácter marcadamente descritivo e esquemático, seguindo assumidamente objectivos expositivos e cronológicos.

Numa leitura diferente e assumidamente sociológica, destacamos a existência das incursões de Helder Raposo⁴¹ e João Arriscado Nunes⁴², o primeiro dos quais fez uma leitura sociológica da institucionalização do IPO, assente no construtivismo fenomenológico, fortemente enformado pelos escritos de Michel Foucault e pelo exemplo francês de luta contra o cancro explanado por Patrice Pinell.

Noutro trabalho, de natureza académica e da autoria do redactor deste artigo⁴³, dirigiu-se um enfoque histórico sobre a criação da oncologia enquanto novo domínio científico da medicina, em paridade com as políticas de saúde pública que lhe estavam associadas, a institucionalização da luta contra o cancro e as conexões entretanto desenvolvidas com a sociedade portuguesa. Não deixou de se abordar o papel e motivações daqueles que estruturaram a luta contra o cancro, bem como o modelo de organização anticancerosa que perfilharam.

Ainda em língua portuguesa, mas do outro lado do Atlântico, a produção historiográfica brasileira tem-se mostrado bem mais activa nesta temática. Desde meados da primeira década do novo século que o labor de alguns historiadores, especialmente da Fundação Oswaldo Cruz (onde sobressaem os trabalhos de Luiz António Teixeira entre outros)⁴⁴, se tem cristalizado em livros, artigos, dissertações e teses, que culminaram em Julho de 2010 na elaboração da primeira colectânea de artigos sobre o tema, reunidos num volume temático da revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Como é apanágio desta publicação, as visões multifacetadas foram a tônica dominante, linha editorial muito corrente em publicações desta natureza, desta feita dedicado ao percurso da institucionalização do INCA e da luta contra o cancro no Brasil durante a primeira metade do século XX⁴⁵.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com estas referências pretendemos elaborar um recenseamento sintético, mas suficientemente abrangente e significativo acerca da produção historiográfica nacional e internacional relativa à doença oncológica. Se por um lado é possível encontrar um conjunto cada vez maior de perspectivas de trabalho que permitem estimular a produção historiográfica sobre as problemáticas da saúde, importa reconhecer que estão ainda por realizar em Portugal estudos abrangentes, sistemáticos e integradores, onde se articulem os diversos enfoques possíveis, e não apenas as estruturas hospitalares e os reflexos da

⁴⁰ Cf. PACHECO, 2002 e PORTUGAL, 2003.

⁴¹ Cf. RAPOSO, 2004: 177-203.

⁴² Cf. NUNES, 2002: 285-315; NUNES, 1996: 9-46.

⁴³ Cf. COSTA, 2010.

⁴⁴ Cf. TEIXEIRA & FONSECA, 2007; TEIXEIRA, 2009:104-117; SAMPAIO, 2006; CARVALHO, 2006.

⁴⁵ Cf. TEIXEIRA, 2010:13-31; ANDRADE, 2010: 109-126; SANGULARD, 2010: 127-147; COSTA & TEIXEIRA, 2010: 223-241; CARRILLO, 2010: 89-107.

doença na sociedade, abordagens que são habitualmente apadrinhadas pelo recurso à metodologia do construtivismo fenomenológico.

Uma vez mais se depreende que a transdisciplinaridade entre os diferentes domínios do saber em ciências sociais e humanas é, e será cada vez mais o principal caminho para a elaboração de registos historiográficos abrangentes sobre todos os domínios que perpassam o nosso mundo social, e em última análise, as nossas tribulações humanas.

Para todos os efeitos, gostaríamos de ressaltar que continua a ser igualmente necessário o estabelecimento de consensos no seio da produção científica, em paridade com a geração de novas ideias e novos discursos, que podem em si gerar ruptura epistemológica. Talvez o mais importante seja proceder a uma convergência de esforços interdisciplinares, caminho cada vez mais trilhado e encarado como processo renovador da história da saúde e das ciências biomédicas.

5. BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Rômulo de Paula; LANA, Vanessa (2010) – *Médicos, viagens e intercâmbio científico na institucionalização do combate ao câncer no Brasil (1941-1945)*. «História, Ciências, Saúde – Manguinhos», v. 17, supl. 1, Rio de Janeiro: p. 109-126.
- ARONOWITZ, R.A. (2001) – *Do not delay: Breast Cancer and Time, 1900-1970*. «Millbank Quarterly», 79, p. 355-386.
- AUSTOKER, Joan (1988) – *A History of the Imperial Cancer research Fund, 1902-1986*. Oxford: Oxford University Press.
- BOTELHO, Luís da Silveira, coord. (2000) – *O Instituto Português de Oncologia e a luta contra o cancro em Portugal: 75 anos*. Mafra: Elo.
- BALL, Howard (1993) – *Cancer factories: America`s tragic quest for uranium self-sufficiency*. Westport, Conn: Greenwood Press.
- BOTELHO, Luís da Silveira, coord. (1978) – *Francisco Gentil (1878-1964)*. Introdução de Fernando Namora. Edição da LPCC.
- BRESLOW, Lester (1977) – *A History of Cancer Control in United States, with emphasis on the Period 1946-1971*. Bethesda: NCI.
- CARRILLO, Ana María (2010) – *Entre el ‘sano temor’ y el ‘miedo irrazonable’: la Campaña Nacional Contra el Cáncer en México*. «História, Ciências, Saúde – Manguinhos», v.17, supl.1. Rio de Janeiro: p. 89-107.
- CARVALHO, Alexandre Octavio Ribeiro de (2006) – *O Instituto Nacional de Câncer e sua memória: uma contribuição ao estudo da invenção da cancerologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. Dissertação (Mestrado profissional) – Programa de Pós-graduação em História Política e Bens Culturais.
- CANTOR, David, ed. (2008) – *Cancer in the Twentieth Century*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- CANTOR, David, ed. (2007) – *Cancer in the Twentieth Century*. «The Bulletin of the History of Medicine», vol. 81, n.º 1. Special Issue.
- CANTOR, David (1993) – *Cancer*. In BYNUM, W. F. & PORTER, R., ed. – *Companion Encyclopedia of the History of Medicine*. London: Routledge, p. 537-561, 2 vols.
- CANTOR, David (1989) – *The Medical Research Council`s Support for Experimental Radiology During the Inter-War Years*. In AUSTOKER, J. & BRYDER, L., eds. – *The Role of Medical Research Council*. Oxford: Oxford University Press.
- CLEMMSEN, Johannes (1965) – *Statistical Studies in the Aetiology of Malignant Neoplasms. Vol I, Review and Results*. Copenhagen: Munksgaard.

- CLOW, Barbara (2001) – *Negotiating Disease: power and Cancer Care, 1900-1950*. Montreal: McGill-Queen's University Press.
- COSMACINI, Giorgio; SIRONI, V. A. (2002) – *Il male del secolo: per una storia del cancro*. Roma: Laterza.
- COSTA, Manuela Castilho Coimbra; TEIXEIRA, Luiz Antonio (2010) – *As campanhas educativas contra o câncer*. «História, Ciências, Saúde – Manguinhos», v. 17, supl. 1. Rio de Janeiro: p. 223-241.
- COSTA, Rui Manuel Pinto (2010) – *Luta contra o cancro e oncologia em Portugal. Estruturação e normalização de uma área científica (1839-1974)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- COMEAU, Tammy (2004) – *The gendered sub-text of medical discourse on cancer in the nineteenth century*. Ontario: University of Western Ontario. Thesis (doctoral).
- DARMON, Pierre (1993) – *Les Cellules folles. L'homme face au cancer de l'Antiquité à nos jours*. Paris: Plon.
- De SHAZER, Mary K. (2005) – *Fractured borders: reading women's cancer literature*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- DONGEN, Johannes A. van (1979) – *Geschiedenis van het Nederlands Kanker Instituut het Antoni van Leeuwenhoekhuis*. Amsterdam.
- ECKHART, Wolfgang U., org. (2000) – *100 years of organized cancer research*. Stuttgart: Thieme.
- EPSTEIN, Samuel S. (1979) – *The Politics of Cancer*. New York: Anchor Press.
- FITZGERALD, Patrick (2000) – *From demons and evil spirits to cancer genes: the development of concepts concerning the causes of cancer and carcinogenesis*. Washington, D.C.: American Registry of Pathology, Armed Forces Institute of Pathology.
- FUJIMURA, Joan H. (1996) – *Crafting Science. A Sociohistory of the Quest for the Genetics of Cancer*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- GARDEN, Kirsten E. (2006) – *Early detection: women, cancer, & awareness campaigns in the twentieth-century United States*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- GREAVES, M. F. (2000) – *Cancer: The Evolutionary Legacy*. Oxford: Oxford University Press.
- HAYTER, Charles (2005) – *An element of hope: radium and the response to cancer in Canada, 1900-1940*. Montreal and Kingston: McGill-Queen's University Press.
- HIEN, Wolfgang (1994) – *Chemische Industrie und Krebs*. Bremerhaven, Germany: Wirtschaftsverlag.
- IMBAULT-HUART, Marie-José (1985) – *História do cancro*. In Le GOFF, Jacques (org.) – *As doenças têm História*. Mem Martins: Terramar, p. 165-176.
- JASEN, Patricia (2002) – *Breast cancer and the language of risk, 1750-1950*. «Social History of Medicine», 15, p. 17-43.
- JASEN, Patricia (2009) – *From the 'Silent Killer' to the 'Whispering Disease': Ovarian Cancer and the Uses of Metaphor*. «Medical History», 53, p. 489-512.
- JOHNSON, Judith; BAIRD, Susan B.; HIRDELEY, Laura (2001) – *It took courage, compassion, and curiosity: recollections and writings of leaders in cancer nursing 1890-1970*. Pittsburg, PA: Oncology Nursing Society.
- KEATING, Peter; CAMBROSIO, Alberto (2003) – *Beyond 'Bad News': The Diagnosis, Prognosis and Classification of Lymphomas and Lymphoma Patients in the Age of Biomedicine (1945-1995)*. «Medical History», 47, p. 291-313.
- KLAWITER, Maren – *The biopolitics of breast cancer: changing cultures of disease and activism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- KREMENTSOV, Nikolai (2002) – *The Cure: A Story of Cancer and Politics from the Annals of the Cold War*. Chicago: UCP.
- Le GOFF, Jacques, org. (1985) – *As doenças têm História*. Lisboa: Terramar.
- LEMONS, Maximiano (1991) – *História da Medicina em Portugal: instituições e doutrinas*. Lisboa: D. Quixote e Ordem dos Médicos, vol. I e II. (1ª ed. 1899).
- LERNER, Barron H. (2001) – *The Breast Cancer Wars: Hope, Fear, and the Pursuit of a cure in Twentieth Century America*. Oxford: Oxford University Press.

- LESTERHUIS J.; HOUWAART, E. S. (2000) – *Bringing the inbred-mouse to Europe. The Netherlands Cancer Institute within the context of international cancer research 1913-1950*. In ECKHART, Wolfgang U. (org.) – *100 years of organized cancer research*. Stuttgart: Thieme, p. 89-94.
- LÖWY, Ilana – *Between Bench and Bedside: Science, Healing, and Interleukin-2 in a Cancer Ward*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.
- MACEDO, Manuel Machado (2000) – *História da Medicina Portuguesa no Século XX*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios.
- MALININ, Theodore I. (2008) – *Cancer Merchants: History of NCI's, Viruses and Cancer Programs*. Pittsburgh: Dorrance Publishing.
- McCULLOCH, Ernest A. (2003) – *The Ontario Cancer Institute: successes and reverses at Sherbourne Street*. Montreal; London: McGill-Queen's University Press.
- MEDINA DOMÈNECH, Rosa María (1996) – *Curar el Cancer? Los orígenes de la Radioterapia española en el primer tercio del siglo XX*. Granada: Universidad de Granada.
- MIRA, M. B. Ferreira de (1947) – *História da medicina portuguesa*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- MOULIN, Daniel de (1983) – *A Short History of Breast Cancer*. Boston: Martinus Nijhoff.
- NUNES, João Arriscado (2002) – *Risco, incerteza e regimes de verdade. A patologia tumoral e a biologia do cancro*. «Revista de História das Ideias», vol. 23. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 285-315.
- NUNES, João Arriscado (1996) – *Escala, heterogeneidade e representação: Para uma cartografia da investigação sobre o cancro*. «Revista Crítica de Ciências Sociais», n.º 46. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra, p. 9-46.
- OLSON, James S. (2009) – *Making Cancer History: Disease & Discovery at the University of Texas M. D. Anderson Cancer Center*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- OLSON, James S. (2002) – *Bathsheba's Breast: Women, Cancer and History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- OLSON, James S. (1989) – *The History of Cancer. An annotated bibliography*. New York: Greenwood Press.
- PACHECO, Francisco do Carmo (2002) – *Ao serviço do doente oncológico: 25 anos da história do Centro do Porto do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil*. Lisboa: Liga Portuguesa Contra o Cancro.
- PATTERSON, James T. (1987) – *The Dread Disease: Cancer and Modern American Culture*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- PINA, Luís de (1954) – *História Geral da Medicina*. Porto: Tipografia da Livraria Simões Lopes.
- PINELL, Patrice (2000) – *Cancer*. In COOTER, R; PICKSTONE, J., eds. – *Medicine in the Twentieth Century*. Amsterdam: Harwood Academic Publishers, p. 671-686.
- PINELL, Patrice (2002) – *The Fight against Cancer: France 1890-1940*. London: Routledge.
- PINELL, Patrice (1992) – *Naissance d'un fléau. Histoire de la lutte contre le cancer en France (1890-1940)*. Paris: Éditions Métailié.
- PLACUCCI, Patrizia (1992) – *La malattia del secolo: L'Istituto Vittorio Emanuele III per lo Studio del Cancro a Milano, 1928-1939*. «Sanità, Scienza e Storia», n.º 1-2 (Stampa 1995), p. 285-314.
- PORTUGAL, Instituto Português de Oncologia (2003) – *Um caminho com história. Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil, Centro Regional de Coimbra*. Lisboa: IPO; Coimbra: CRO.
- PROCTOR, Robert N. (1999) – *The Nazi War on Cancer*. Princeton: Princeton University Press.
- PROCTOR, Robert N. (1995) – *Cancer Wars: How Politics Shape What We Know & Don't Know about Cancer*. New York: Basic Books.
- RETTIG, Richard A. (1977) – *Cancer Crusade: The Story of the National Cancer Act of 1971*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- RAPOSO, Hélder (2004) – *A luta contra o cancro em Portugal. Análise do processo de institucionalização do Instituto Português de Oncologia*. «Fórum Sociológico», n.º 11/12, p. 177-203.
- RATHER, L. J. (1978) – *The Genesis of Cancer. A Study in the History of Ideas*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

- ROQUÉ, Javier; HERRAN, Néstor, *ed.* (2009) – *Isotopes: Science, Technology and Medicine in the Twentieth Century*. «Dynamis», vol. 29, p. 123-364.
- ROSS, Walter S. (1987) – *Crusade: The Official History of the American Cancer Society*. New York: Arbor House.
- SAMPAIO, Consuelo Novais (2006) – *70 Anos de lutas e conquistas: Liga Bahiana Contra o Câncer*. Salvador: LBCC.
- SANGLARD, Gisele (2010) – *Laços de sociabilidade, filantropia e o Hospital do Câncer do Rio de Janeiro (1922-1936)* «História, Ciências, Saúde – Manguinhos», vol. 17, supl. 1. Rio de Janeiro: p. 127-147.
- SIGISMUND, Peller (1979) – *Cancer research since 1900: an evaluation*. New York: Philosophical Library.
- SONTAG, Susan (1978) – *Illness as Metaphor*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- SPYROS, Retsas, *ed.* (1986) – *Palaeo-oncology: the antiquity of cancer*. London: Farrand.
- STACEY, Jackie (1997) – *Teratologies. A cultural Study of Cancer*. London: Routledge.
- TAYLOR, Therese (1989) – *Purgatory on Earth: An Account of Breast Cancer from Nineteenth-Century France*. «Social History of Medicine», vol. 11, n.º 3, p. 381-402.
- TEIXEIRA, Luiz Antonio (2009) – *O câncer na mira da medicina brasileira*. «Revista Brasileira de História da Ciência», v. 2, n.º 1. Rio de Janeiro: p. 104-117.
- TEIXEIRA, Luiz Antonio (2010) – *O controle do câncer no Brasil na primeira metade do século XX*. «História, Ciências, Saúde – Manguinhos», v. 17, supl. 1. Rio de Janeiro, p. 13-31.
- TEIXEIRA, Luiz. Antonio; FONSECA, Cristina Maria Oliveira (2007) – *De doença desconhecida a problema de saúde pública: o INCA e o controle do câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde.
- WAILOO, Keith (2011) – *How cancer crossed the color line*. Oxford: Oxford University Press.
- WALDHOLZ, Michael (1997) – *Curing Cancer: The Story of the Men and Women Unlocking the Secrets of Our Deadliest Illness*. New York: Simon & Schuster.
- WAGNER, Gustav; MAUERBERG, Andrea (1989) – *Krebsforschung in Deutschland: Vorgeschichte und Geschichte des Deutschen Krebsforschungs-zentrums*. Berlin: Springer.
- WEINBERG, Robert A. (1996) – *Racing to the Beginning of the Road. The Search for the Origin of Cancer*. New York: Harmony Books.

